

ENTREVISTA COM MARIA HELENA DE MOURA NEVES: PANORAMA E PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS SOBRE LÍNGUA EM USO NO BRASIL

Por Gisele Cássia de Sousa

Maria Helena de Moura Neves é doutora em Letras Clássicas (Grego) pela Universidade de São Paulo (USP), livre-docente (Língua Portuguesa) e professora emérita pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Atualmente, é docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Araraquara. É coordenadora do Grupo de Pesquisa “Gramática de usos do Português” e pesquisadora (nível I-A) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Sua extensa produção científica é dedicada a temas relacionados à língua em uso, especialmente à descrição funcional do português, ao estudo das relações entre texto e gramática e à história e ensino de gramática. É autora de vários livros, entre os quais: *Gramática de usos do Português*, *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*, *A gramática funcional*, *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*, *Texto e gramática*, *Ensino de língua e vivência da linguagem*, *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa* e *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*.

Nesta entrevista, Maria Helena avalia o desenvolvimento das pesquisas sobre língua em uso no Brasil, destacando as contribuições advindas dos estudos nessa área para a descrição do português brasileiro, bem como para o ensino de língua portuguesa no país. Reflete também sobre limitações que por vezes se impõem às investigações do português em uso, como a carência, que vem sendo aos poucos superada, de *corpora* ampla e consistentemente constituídos, disponíveis à investigação.

Ao final, Maria Helena aponta perspectivas para os estudos da língua em uso no Brasil, com indicação de aspectos a serem focalizados e de desafios no desenvolvimento das pesquisas nessa área. A exposição dessas perspectivas

inclui relato de encontro promovido pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em abril de 2013, entre representantes de programas de Pós-graduação de diferentes regiões do país, do qual Maria Helena participou como coordenadora das discussões sobre linhas de pesquisa voltadas ao Funcionalismo, corrente teórica que, como se sabe, se liga fortemente à investigação da língua em uso. Os resultados das discussões empreendidas no encontro, sintetizados nesta entrevista, constituem, assim, importante registro do panorama atual de estudos produzidos no âmbito da língua em uso nos principais centros de pesquisa do Brasil.

- 1) **O tema deste número da *Cadernos de Letras da UFF* – língua em uso – remete a uma concepção de linguagem que se poderia chamar *antropológica*, no sentido de que ela necessariamente se vincula ao papel do falante e ao contexto sócio-histórico de sua efetiva produção linguística. É assim que fatos da língua em uso têm constituído objeto de estudo de diferentes abordagens teóricas, como a Sociolinguística, a Pragmática, a Linguística Textual, a Análise do Discurso etc. Na condição de uma das principais referências nos estudos sobre essa temática, como você avalia a contribuição das investigações científicas da língua em uso para a ciência Linguística e, especificamente, para a Linguística brasileira?**

A atenção para a língua em uso constitui um acontecimento notável dos dias atuais. Mais do que representar, simplesmente, uma escolha de objeto de estudo ao qual se pode dedicar o investigador, com tal ou tal opção teórica, a língua em uso já em si constitui bandeira de teorias específicas, representando, assim, uma opção de diretriz teórica, definida com ponto de partida no objeto.

O que chama a atenção, nos tempos atuais, é a grande produção de obras de descrição gramatical dos fatos linguísticos, nomeadamente, a grande produção de novas Gramáticas da língua, algumas delas levando ao extremo sua preocupação com a destinação descritiva, a ponto de restringirem seu objeto ao “português brasileiro”.

- 2) Os estudos que têm a língua em uso como objeto de análise por vezes são alvo de críticas quanto à sua relevância científica, sob a alegação de que se destinam mais à descrição (registro) de fatos linguísticos individuais do que propriamente à compreensão da linguagem e de seu funcionamento como um todo. Em que medida as investigações de fatos da língua em uso propiciam essa compreensão?

Com certeza os estudos que têm o uso linguístico como objeto de análise são prevalentemente descritivos, no seu ponto de partida. Não por isso, entretanto, eles deixam de levar a generalizações, e esse encaminhamento desejável estará sempre em dependência dos princípios de base ativados nas descrições, bem como das diretrizes do quadro teórico-metodológico de análise. Como exemplo: um fato linguístico como a fluidez categorial (ligada a superposições funcionais) só pode ser acompanhado e explicado em uma verificação no uso. A pesquisa científica, porém, não se conclui com o “achado” de ocorrências que ilustrem fatos considerados dignos de nota: não se conclui, por exemplo, com a verificação do fato de que as palavras *esporte*, *prodígio* e *pirata*, comumente rotuladas como “substantivo”, ocorrem em contextos como *navio pirata*, *carro esporte* e *menino prodígio*, respectivamente, e isso não causa nenhuma estranheza. Nem mesmo se pode considerar como concluída a pesquisa com a indicação de que, por tais e tais razões, a esse fenômeno se pode dar o rótulo de “gramaticalização”. Seria mais condutora de uma generalização explicativa, por exemplo, a consideração do que representa, na “gramática” internalizada do português, o fato de, dentro de um sintagma nominal, colocar-se, à direita de um termo que enfeixa propriedades (um substantivo), um outro termo que carrega um conjunto de propriedades (outro substantivo). Também haveria, com certeza, princípios a resgatar, com vista ao grau de previsibilidade de deslizamentos categoriais de um ou de outro conjunto entre os diversos que se formam com dois substantivos em um sintagma nominal. E, mais, esses princípios passariam pela maior ou menor previsão de compatibilidade entre os dois substantivos, de modo que, em uma sintagmatização em que eles entrem, o segundo possa representar uma categoria com ganho de função gramatical, em relação à da esquerda. A esse

questionamento se chegaria, por exemplo, tendo verificado este conjunto de fatos: o fato de o dicionário *Aurélio* (1999) nem aventar a hipótese desse tipo de construção, na sua apresentação do verbete *prodígio* (uso que, em 1964, o dicionário *Melhoramentos* já reconhecia), e, no entanto, já registrar explicitamente a categoria “adjetivo” para uma das entradas do verbete *pirata*; contrariamente, o fato de o dicionário *Houaiss* (2001) nem aventar a hipótese desse tipo de construção, na sua apresentação do verbete *pirata*, e, no entanto, já registrar explicitamente a categoria “adjetivo” para uma das entradas do verbete *esporte*. Ainda pesaria, nessa generalização explicativa, a verificação de que os substantivos *objeto* e *babá*, encontrados em *mulher objeto* e em *Estado babá*, não foram registrados como potencializados para esse uso em nenhum de quatro dicionários contemporâneos examinados, enquanto, em paralelo, os substantivos *mãe* e *fantasma*, encontrados em *ideia mãe* e em *navio fantasma*, tiveram tal indicação em todos esses dicionários. Haveria, por exemplo, a verificar num plano bem generalizante, quais os tipos de relação entre os dois substantivos que seriam funcionalmente operantes nessa relação. E, afunilando: quais seriam os tipos mais diretamente salientes à percepção do analista, e por quê?

3) **O alcance das pesquisas sobre a língua em uso depende em grande parte da análise de *corpora* que efetivamente retratem o uso da língua por determinada comunidade linguística. Os *corpora* atualmente existentes têm servido ampla e suficientemente à caracterização do português em uso no Brasil?**

Sabemos que ainda engatinhamos na instituição de *cópus* representativos do português falado no Brasil, como um todo, e especialmente na modalidade falada. Sabemos, por outro lado, que há centros de pesquisa no país com elevado grau de formação teórica, e com amplos recursos operacionais, que estão conseguindo muitos avanços nesse empreendimento. É uma tarefa extremamente complexa, dada a extensão em que a nossa língua é falada e dada a variedade que essa própria extensão provoca. Mas não há como ignorar que os avanços têm sido notáveis. E não há como não perceber que o interesse pela língua em uso e pelos processos

de constituição dos sentidos na linguagem está absolutamente ligado a esse incremento que a preparação de corpus testemunhais dos usos tem obtido. Na contraparte, a facilitação trazida pelos avanços tecnológicos desperta o interesse pela documentação e pela compreensão do uso da língua.

4. **O projeto *Gramática do Português Falado*, que congregou pesquisadores de todo o Brasil, constituiu importante marco para a consolidação dos estudos sobre a língua em uso no país. Como destacada pesquisadora do projeto desde a sua criação, de que forma você avalia a contribuição dos estudos desenvolvidos no âmbito desse projeto para o conhecimento global do português em uso no Brasil?**

Sou testemunha de que esse projeto representou um marco na descrição do português brasileiro, constituindo um divisor de águas na atividade de análise da língua falada no Brasil. Para o julgamento desse empreendimento que trago a comentário, não importa o fato de que o corpus posto sob análise se restringia, marcadamente: à modalidade “cultura” do português do Brasil (informantes com terceiro grau completo); a apenas cinco (e limitadas) regiões geográficas do país, ou seja, a apenas cinco capitais (Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador); a apenas uma época limitada (década de 1970), sob uma ditadura militar, e na conjuntura de os emissores produzirem seus enunciados informados de que estavam sendo gravados. Se isso limita os resultados quanto a entender-se que, com os frutos da pesquisa, o português falado no Brasil esteja, realmente, descrito, por outro lado os resultados constituem um notável edifício de pesquisa sobre usos brasileiros, sobre o português do Brasil, sobre a gramática portuguesa. Ou seja, os resultados constroem um corpo de doutrina sobre variantes, em primeira instância, sim, mas também sobre a invariância que mantém confortavelmente o rótulo que denomina a nossa língua. A convergência de aguçados olhares teóricos de diferentes correntes de sustentação de pesquisa linguística, que o trabalho propiciou, garantiu que o objeto de análise institucionalmente constituído para o projeto (o português falado do Brasil, conforme a amostra existente) se desdobrasse em múltiplos objetos de análise (criados segundo cada

conjunto de princípios teóricos em ação), e que esses diferentes pontos de vista multiplicassem os fatos em análise, e, conseqüentemente, dessem avanço inestimável ao estado da arte em nosso país.

- 5) **A monumental obra *Gramática de usos do português*, de sua autoria, representa a primeira gramática de referência exclusivamente fundamentada na língua portuguesa atualmente em uso no Brasil. Como a obra foi constituída e qual foi a principal motivação para sua elaboração?**

A *Gramática de usos do português* constitui o repositório de um esforço reflexivo que moveu continuamente meu interesse pelo fazer da linguagem, especificamente em língua portuguesa, cujo estudo, desde a infância, foi, para mim, um prazer inexplicável. Nos meus numerosos anos de atuação no Ensino Fundamental e Médio, como professora de Português, para falar de gramática sempre trabalhei com uma classe de alunos que tinham abertas sobre a carteira páginas com textos, especialmente literários, mas também da imprensa e de outras modalidades. Sempre insisti com os alunos em que falar de gramática é falar da própria produção do sentido e de efeitos. Assim, posso dizer que a principal motivação para a elaboração dessa obra gramatical foi exatamente tentar explicitar os mecanismos que operam na produção dos enunciados (nos diferentes níveis), os quais, evidentemente, provêm de escolhas do próprio falante quanto aos diferentes modos de implementar as construções e de acionar o léxico disponível. Acabo de enviar à organização do IV SIMELP (Goiânia, UFG, 2 a 5 de julho de 2013), para a apresentação que farei em um “Encontro de gramáticos”, um resumo do que direi para definir minhas duas gramáticas (a segunda das quais, baseada em textos e em grandes excertos, está no prelo). É exatamente o que, por sua vez, também farão os (seis) gramáticos convidados por mim para esse encontro. Esta é a parte final do resumo enviado, que contém, pois, a minha proposta de uma gramática de usos: Ambas as obras têm o mesmo ponto de partida, que se prende, numa indicação geral, a estes princípios funcionalistas: (i) extensão da gramática a processos que atingem o nível do texto, avaliado como produção discursiva, ficando incluídas, na raiz, as determinações da interação; (ii)

estabelecimento dos fatos de gramática em uma componibilidade em que se integram os componentes sintático, semântico e pragmático; (iii) avaliação dos fatos gramaticais em ligação com as funções da linguagem. As duas obras têm a mesma diretriz de organizar os fatos de gramática e as categorias gramaticais (relacionadas às funções gramaticais) a partir dos processos básicos de constituição do enunciado. A referência a classes e funções não é entendida como atribuição de chancelas fixas a determinados itens da língua, pelo contrário prevê-se um espaço muito grande de fluidez categorial, ligada a indefinições e até a superposições funcionais exigidas na ativação da linguagem. Assume-se que o complexo que representa a atividade linguística dos falantes se resolve numa duplicidade básica: submissão a restrições e liberdade de escolha. Joga-se com a capacidade que os falantes têm não apenas de acionar a produtividade da língua (jogar com as restrições), mas também – e primordialmente – de proceder a escolhas comunicativamente adequadas (operar as variáveis dentro do condicionamento ditado pelo próprio processo de produção).

- 6) **Em vários de seus trabalhos, encontram-se reflexões e proposições sobre o modo como os estudos da língua em uso podem contribuir para o ensino de língua materna e para o equacionamento de questões relativas à política linguística no Brasil. Em que consiste essa contribuição para essas áreas?**

Acredito que as reflexões e proposições que se fazem no meio acadêmico perdem a maior parte de seu valor e de sua importância quando não estão pensadas, já na base, para uma destinação escolar de seus ganhos e resultados. Nas instituições de ensino universitário sempre se insiste na exigência de uma ligação entre pesquisa, ensino e extensão à comunidade. Ora, justamente na área das pesquisas sobre a língua natural e oficial de todos, não faz sentido cada um achar que está desincumbido do que lhe cabe se, simplesmente, somar um número x de pesquisas sobre fatos avulsos ligados à sua área, sem buscar algum efeito reprodutor entre os que estão sendo formados na área. Não é preciso dizer que a necessária permeação entre a atuação em Pós-graduação e em Graduação não pode se limitar à presença física do professor nas duas instâncias de formação

universitária. Se separados os dois graus, vai faltar alguma coisa muito importante tanto em um nível de atuação como no outro. Pensa-se, em geral, o nível de Pós-graduação como aquele em que o professor se sente mais instituidamente como “pesquisador”, e o nível de Graduação como aquele em que o professor se sente unicamente como um professor que deve transmitir o que lhe vem no livro didático ou na apostila, reservando algo do que ele tem de “pesquisador” para alguma oportunidade de passar aos alunos, em alguma aula, os fragmentos de alguma pesquisa sua, ou para alguma orientação de Iniciação Científica, por exemplo. Essa é uma situação que, decisivamente, sacramenta a ideia de que tudo está perdido: nem a Pós-graduação nem a Graduação têm o professor necessário. Este será o que carregar, de suas pesquisas ligadas à atuação em Pós-graduação, a inquietação que lhe fique da atividade de confrontar propostas e descobertas, de descobrir caminhos e condutas, de discutir ganhos e perdas nas trilhas de percurso.

- 7) **Em um olhar projetivo, quais seriam os principais desafios dos estudos da língua em uso no Brasil? Você considera que haja aspectos a serem mais bem focalizados, ou limitações a serem superadas pelos estudos nessa perspectiva? Quais?**

As perguntas que compõem este questionário de entrevista tocam todos os pontos fundamentais ligados ao desenvolvimento dos estudos da língua em uso no Brasil: na partida, a preparação de bancos de dados consistentemente organizados e disponibilizados para análise; na chegada, o empreendimento de ações consistentemente organizadas e disponibilizadas para irradiação das análises, no sentido de difundir o conhecimento real da língua em intercurso, atestada nos diferentes momentos de sua história. Fundadas na noção exata do que representa a existência de alterações das características da língua materna, em relação a estágios anteriores da vida dessa língua, tais ações têm de dirigir a atuação escolar no seu modo de ver e tratar as variações e as mudanças que nela se registram, especialmente no que diz respeito à adoção de políticas linguísticas institucionais, na área. Mais uma vez insisto na necessidade de o ambiente acadêmico assumir para si o papel de preparar cientificamente o conhe-

cimento da língua em intercurso no país, e assumi-lo sem considerar que essa é uma missão que só diz respeito à história acadêmica de cada um, ou seja, que basta o preparo de uma soma considerável de pesquisas centradas em questões episódicas, que sejam do agrado do pesquisador mas que não componham uma contribuição digerível na implementação de ações escolares que sustentem o estudo da língua portuguesa no Brasil.

8) Gostaria de falar sobre alguma questão que considera importante e que as perguntas formuladas não contemplam?

Mais do que ser importante, é imprescindível que todo estudo se oriente por proposições teóricas que deem validade aos resultados. Entretanto, toda pesquisa que se limite a, simplesmente, “aplicar” algum modelo teórico – por mais bem fundamentado e bem desenvolvido que seja – será um exercício que se contenta em validar apenas a si mesmo, ou, quando muito, será peça de validação para ponto(s) de tal teoria, o que, afinal, de nada valerá, pois, em geral, a teoria já passou do estágio de puramente buscar validações tópicas. Definida a natureza de uma pesquisa – seja ela puramente teórica, seja prática – a criação dos “fatos” de análise a que se procederá (necessariamente, com um aparato teórico de base) não pode contentar-se com simplesmente colocá-los em esquemas classificatórios, catalogações, rotulações etc. previamente disponibilizados, sem nenhuma interpretação que legitime a análise singular dentro de um esquema maior que sustente avanço do conhecimento.

Para concluir, é oportuno que eu divida com o público leitor interessado as conclusões a que chegaram os representantes dos Programas de Pós-Graduação do país que trabalham em Linhas de Pesquisa e Disciplinas voltadas para o Funcionalismo – exatamente a corrente teórica fortemente ligada à investigação da língua em uso – após as discussões na reunião recentemente promovida pela CAPES para a avaliação de alguns campos de pesquisa linguística que têm presença forte nesses Programas¹.

¹ Belo Horizonte, PUC-BH, 17 e 18 de abril de 2013. Por indicação da CAPES, atuei, no evento, como expositora na mesa-redonda sobre Funcionalismo (um dos três campos da Linguística contemplados), a partir da qual se desenvolveram as discussões.

Este é o panorama a que se conseguiu chegar, com o tempo de discussão (e com os dados, de certo modo lacunares) de que se dispôs:

1. A existência do Funcionalismo, como linha de pesquisa dos Programas, resulta de uma interface forte com Descrição de língua, com Sociolinguística, com Linguística cognitiva.
2. Os estudos funcionalistas se organizam em grandes conjuntos, dentro dos quais eles se relacionam com instâncias como:
 - produção de estudos gramaticais e léxico-gramaticais;
 - produção de estudos textuais (pragmático-discursivos);
 - interface com ensino;
 - estudos de tipologia linguística.
3. A definição das disciplinas depende da direção para a qual estão voltadas as pesquisas funcionalistas dentro de cada Programa, bem como das especificidades históricas e estruturais de cada Programa. No exame a que se procedeu, encontraram-se cerca de 20 disciplinas declaradamente marcadas como de Funcionalismo, a que se soma um número praticamente equivalente de disciplinas que se dirigem ao exame da língua em uso (exemplos: Língua, estrutura e uso, Aspectos descritivos da gramática do português brasileiro, Estudos de descrição da linguagem, Escrita e ensino gramatical, Processos de constituição do enunciado), o que, na verdade, é pouco, mas deve ser somado às disciplinas ligadas à Sociolinguística, por exemplo. Quanto às linhas de pesquisa, encontraram-se 12 diretamente ligadas ao Funcionalismo, às quais devem ser somadas as que se dirigem ao exame da língua em uso (exemplos: Estudos descritivos e aplicados de línguas e linguagens, Documentação, descrição e análise do português, Descrição e análise linguística, Linguagem: descrição e discurso, Descrição, leitura e escrita, Teorias e usos da linguagem, Análise de fatos linguísticos em uso na língua).

Quanto ao perfil que se espera do pós-graduando com formação em Funcionalismo, fixaram-se as seguintes qualidades:

- bom conhecimento das disciplinas que interagem com o funcionalismo, ou permitem aplicação dele;
- conhecimento teórico seguro, que forneça princípios capazes de direcionar o estudioso para os objetos de pesquisa, construindo sua investigação com organicidade;
- sólida formação em um modelo teórico funcionalista;
- posição de agente na comunidade.

Para uma agenda da área de estudos funcionalistas, destacou-se a necessidade de incentivo ao estabelecimento de redes de colaboração entre pesquisadores de diferentes instituições, para maior interação, circulação de ideias e de instrumentos de ação.

Recebido em: 05/11/2012

Aprovado em: 05/08/2013